

A Cabala Mística

Dion Fortune

Título original: *Mystical Qabalah*

Publicação Original em 1935.

A Cabala Mística

Dion Fortune

Título original: *Mystical Qabalah*

Publicação Original em 1935.

1

2

A CABALA MÍSTICA

I. A IOGA DO OCIDENTE

1. São poucos os estudantes de ocultismo que sabem alguma coisa a respeito da fonte de onde surgiu a sua tradição. Muitos deles sequer sabem que existe uma Tradição Ocidental. Os eruditos sentem-se perplexos diante dos subterfúgios e das defesas intencionais de que se valeram tanto os iniciados antigos como os modernos para ocultar-se, e concluem que os poucos fragmentos que ainda nos restam dessa literatura não passam de contrafações medievais. Muito se espantariam eles se soubessem que esses mesmos fragmentos, suplementados por manuscritos que jamais se permitiu saírem das mãos dos iniciados, e complementados por uma tradição oral, ainda são transmitidos até hoje nas escolas de iniciação, constituindo a base do trabalho prático da ioga do Ocidente.

2. Os adeptos das raças cujo destino evolutivo consiste em conquistar o plano físico desenvolveram uma técnica ióguica própria que se adapta aos seus problemas especiais e às suas necessidades peculiares. Essa técnica baseia-se na bem conhecida, mas pouco compreendida Cabala, a Sabedoria de Israel.

3. Poder-se-á perguntar por que as nações ocidentais teriam qualquer razão para procurar a sua tradição mística na cultura hebraica. A resposta a essa questão será facilmente compreendida por aqueles que estão familiarizados

com a teoria esotérica relativa às raças e sub-raças. Tudo tem uma fonte. As culturas não brotam do nada. As sementes de cada nova fase de cultura devem surgir necessariamente da cultura anterior. Não podemos negar que o judaísmo foi a matriz da cultura espiritual européia, quando recordamos que tanto Jesus como São Paulo eram judeus.

Nenhuma outra raça além da judia poderia ter fornecido a base para uma nova revelação, visto que nenhuma outra raça abraçava um credo monoteísta. O panteísmo e o politeísmo tiveram seus dias de esplendor, mas uma nova cultura, mais espiritual, se tomou necessária. As raças cristãs devem sua religião à cultura judia, assim como as raças budistas do Oriente devem a sua à cultura hindu.

4. O misticismo de Israel fornece os fundamentos do moderno ocultismo ocidental, a constitui o fundo teórico com base no qual se desenvolveram os rituais ocultistas do Ocidente. Seu famoso hieróglifo, a Árvore da Vida, é o melhor símbolo de meditação que possuímos, exatamente porque é o mais compreensível.

5. Não é minha intenção escrever um estudo histórico sobre as fontes da Cabala, mas, antes, mostrar o emprego que dela fazem os modernos

HADNU.COM

3

estudantes dos Mistérios. Embora as raízes de nosso sistema estejam na tradição; não há razão alguma para que esta nos escravize. Uma técnica empregada nos dias que correm é um processo que está em pleno desenvolvimento, pois a experiência de cada trabalhador a enriquece e se torna parte integrante da herança comum.

6. Não devemos necessariamente seguir tais e tais atitudes ou manter tais e tais idéias apenas porque os rabinos que viveram antes de Cristo assim o determinaram. O mundo não deteve sua marcha na era dos rabinos, e vivemos hoje uma nova revelação. Mas o que era verdadeiro - em princípio no passado é verdadeiro - em princípio - na atualidade e, por conseguinte,

de muito valor para nós. O cabalista moderno é o herdeiro da Cabala antiga, mas cabe-lhe reinterpretar a doutrina a reformular o método à luz da revelação atual, caso queira extrair dessa herança algum valor prático para si.

7. Não pretendo que os modernos ensinamentos cabalísticos, tal como os que aprendi, sejam idênticos aos dos rabinos pré-cristãos, mas afirmo que esses ensinamentos são os legítimos descendentes daqueles, constituindo o desenvolvimento natural que deles proveio.

8. Quanto mais próxima estiver da nascente, mais pura será a água do rio. Para descobrir os princípios primeiros, devemos ir à fonte-mãe. Mas um rio recebe muitos afluentes em seu curso, a estes não estão necessariamente poluídos. Se desejamos descobrir se a água desses afluentes é pura ou não, basta-nos compará-la com a corrente original; se ela passa por esse teste, da impede que se misture com as águas principais a aumente sua força. Ocorre o mesmo com uma tradição: o que não é antagônico deve ser assimilado: Devemos sempre testar a pureza de uma tradição no que respeita aos princípios primeiros, mas devemos igualmente julgar a vitalidade de uma tradição por sua capacidade de assimilação.

Apenas a fé morta não recebe' fluências do pensamento contemporâneo.

9. A corrente original do misticismo hebraico recebeu muitas adições. A sua culminação ocorreu entre os nômades adoradores de estrelas da Caldéia, onde Abraão, em sua tenda, rodeado pelos rebanhos, ouvia a voz de Deus. Mas Abraão defrontava-se também com um sombrio pano de fundo, em que vastas formas se moviam semi-distintas. A misteriosa figura de um grande rei-sacerdote, "nascido sem pai, sem mãe, sem descendência, que não tinha nem princípio nem fim", concedeu-lhe a primeira ceia eucarística de pão a vinho após a batalha com os reis do vale, os sinistros reis de Edom, "que governaram antes que houvesse um rei em Israel, cujos reinos eram forças desorganizadas".

10. De geração em geração, podemos traçar o relacionamento dos príncipes de Israel com os reis-sacerdotes do Egito. Abraão a Jacó por lá passaram; José a Moisés estiveram intimamente associados à corte dos adeptos reais. Quando lemos que Salomão se dirigiu a Hiram, rei de Tiro, solicitando-lhe homens e materiais para a construção do Templo, aprendemos que os famosos Mistérios de Tiro devem ter influenciado profundamente o esoterismo hebraico. Quando lemos que Daniel foi educado nos palácios da Babilônia, aprendemos que a sabedoria dos Magi deve ter sido acessível aos iluminati hebreus.

11. A antiga tradição mística dos hebreus possuía três escrituras: os Livros da Lei e dos Profetas, que conhecemos como Velho Testamento; o Talmude, ou coleção de comentários eruditos sobre aquele; e a Cabala, ou interpretação mística do mesmo livro. Desses três livros, dizem os antigos rabinos que o primeiro é o corpo da tradição; o segundo, a sua alma racional; e o terceiro, o seu espírito imortal. Os homens ignorantes lêem com proveito o primeiro; os homens eruditos estudam o segundo; mas o sábio medita sobre o terceiro. É realmente muito estranho que a exegese cristã jamais tenha buscado as chaves do Velho Testamento na Cabala.

12. No tempo de Nosso Senhor, havia três escolas de pensamento religioso na Palestina: a dos fariseus e a dos saduceus, sobre os quais temos muitas informações nos Evangelhos, e a dos essênios, a quem nunca se faz referência. A tradição esotérica afirma que o menino Jesus ben Joseph, na idade de doze anos, foi encaminhado, pelos eruditos doutores da Lei, que O

ouviram a Lhe reconheceram o valor, à comunidade essênica localizada nas proximidades do Mar Morto, para ali ser treinado na tradição mística de Israel, a que Ele permaneceu nessa comunidade até dirigir-se a João, a fim de receber o batismo no rio Jordão antes do início de Sua missão, empreendida aos trinta anos. Seja como for, o fato é que a frase final do

"Pai nosso" é puro cabalismo. Malkuth, o Reino, Hod, a Glória, Netzach, o Poder, constituem o triângulo básico da Árvore da Vida, tendo Yesod, o Fundamento ou Receptáculo de Influências, como ponto central. Quem formulou essa oração conhecia muito bem a Cabala.

13. O esoterismo cristão baseia-se na Gnose, que, por sua vez, radica tanto no pensamento grego como no egípcio. O sistema pitagórico constitui uma adaptação dos princípios cabalísticos ao misticismo grego.

14. A seção exotérica da Igreja Cristã, organizada pelo Estado, perseguiu e aniquilou a seção esotérica, destruindo-lhe toda a literatura e lutando por apagar da história humana a própria lembrança de uma doutrina gnóstica. Registra a história que as termas e as padarias de Alexandria foram fomentadas durante seis meses com os manuscritos retirados da

HADNU.COM

5

grande biblioteca. Pouco nos restou da herança espiritual da sabedoria antiga. Tudo o que estava acima do solo foi arrancado, e é apenas com a escavação dos antigos monumentos encobertos pela areia que estamos começando a redescobrir-lhe os fragmentos.

15. Só depois do século XV, quando o poder da Igreja começou mostrar sinais de fraqueza, ousaram os homens confiar ao papel a tradicional Sabedoria de Israel. Os eruditos declaram que a Cabala é uma fantasia medieval, pois não lhe podem traçar a sucessão desde os manuscritos primitivos. Mas aqueles que conhecem o sistema de trabalho das fraternidades esotéricas sabem que toda uma cosmogonia e toda uma psicologia podem ser ocultadas num hieróglifo que, para o não-iniciado, não tem qualquer sentido. Esses estranhos e antigos diagramas foram passados de geração para geração, e a explicação que os acompanha, transmitida apenas verbalmente, de modo que a verdadeira interpretação jamais se perdeu. Quando existia alguma dúvida quanto à explicação de algum ponto abstruso, recorria-se ao hieróglifo sagrado, e a meditação sobre ele comunicava o que gerações de trabalho meditativo haviam nele infundido. Sabem muito bem os místicos que, se alguém medita sobre um símbolo ao qual a meditação do passado associou certas idéias, tal pessoa terá acesso a essas mesmas idéias, ainda que o hieróglifo jamais lhe tenha

sido explicado por aqueles que receberam a tradição oral "da boca ao ouvido".

16. A força temporal organizada da Igreja expulsou seus rivais de campo e destruiu-lhes os vestígios. Pouco sabemos das sementes que brotaram e logo foram cortadas durante a Idade Negra, mas o misticismo é inerente à raça humana e, embora a Igreja tenha destruído todas as raízes da tradição em sua alma grupal, os espíritos devotos de seu próprio rebanho redescobriram a técnica da união entre a alma e Deus e desenvolveram uma ioga característica, estreitamente semelhante à ioga Bhakti do Oriente. A literatura do catolicismo é rica em tratados sobre teologia mística que relatam uma familiaridade prática com os estados superiores de consciência, embora apresentem uma concepção um tanto quanto ingênua da psicologia desse fenômeno, revelando assim a pobreza de um sistema que não dispõe da experiência fornecida pela tradição.

17. A ioga Bhakti da Igreja Católica só é adequada àqueles cujo temperamento é naturalmente devocional e que descobrem no auto-sacrifício amoroso a sua expressão mais espontânea. Mas nem todos têm esse temperamento, e é uma pena que o Cristianismo não tenha outros sistemas a oferecer aos seus devotos. O Oriente, por ser tolerante, é sábio, e desenvolveu vários métodos ióguicos. Cada um desses métodos pode ser

6

A CABALA MÍSTICA

seguido com exclusão dos outros, sem que para isso tenha de negar aos outros métodos o valor como meio de acesso a Deus.

18. Em consequência dessa deplorável limitação de nossa teologia, muitos devotos ocidentais recorrem a métodos orientais. Para aqueles que são capazes de viver em condições orientais e trabalhar sob a imediata supervisão de um guru, essa escolha poderá revelar-se satisfatória, mas ela raramente dá bons resultados quando esses mesmos devotos seguem vários sistemas sem outra supervisão além da de um livro e sob as condições que regem a vida no Ocidente.

19. É por essa razão que recomendo às raças brancas o sistema tradicional do Ocidente, pois este se adapta perfeitamente à sua constituição física. Esse sistema produz resultados imediatos e, quando praticado sob a supervisão adequada, não afeta o equilíbrio mental ou físico

- como acontece com desagradável freqüência quando se utilizam sistemas impróprios - e ainda estimula uma excepcional vitalidade. É essa vitalidade peculiar dos adeptos que deu origem à tradição do "elixir da vida". Conheci várias pessoas em minha vida que mereciam o título de adepto, a sempre me surpreendi com a extraordinária vitalidade que exibiam.

20. Por outro lado, só posso endossar o que todos os gurus da tradição oriental sempre afirmaram, ou seja, que qualquer sistema de desenvolvimento psico-espiritual só pode ser seguido adequadamente a em segurança sob a supervisão pessoal de um mestre experiente. Por essa razão, embora me proponha a fornecer nestas páginas os princípios da Cabala mística, não creio que seja prudente dar também as chaves de sua prática, mesmo que, pelos termos de minha própria iniciação, eu não estivesse proibida de fazê-lo. Mas por outro lado, não considero justo para com o leitor comunicar-lhe informações erradas ou deformadas. Assim, na medida de meus conhecimentos a de minha crença, posso afirmar que as informações dadas neste livro são exatas, ainda que, em certo aspecto, incompletas.

21. Os Trinta e Dois Caminhos Místicos da Glória Oculta são sendas da vida, a aqueles que desejam desvendar-lhes os segredos não têm outra saída senão trilhá-los. Assim eu própria fui treinada, todos os que desejam sujeitar-se à disciplina devem fazê-lo, a eu indicarei com prazer o caminho que todo aspirante sério deverá seguir.

HADNU.COM

7

II. A ESCOLHA DE UM CAMINHO

1. Nenhum estudante jamais realizará qualquer progresso no desenvolvimento espiritual se saltar de um sistema a outro, utilizando ora algumas afirmações do Novo Pensamento, ora alguns exercícios de respiração a posturas meditativas da ioga, para prosseguir depois com algumas tentativas nos métodos místicos de oração. Cada um desses sistemas tem o seu valor, mas esse valor só é real se o sistema é praticado integralmente. Representam eles os exercícios calistênicos da consciência, a têm por objetivo desenvolver gradualmente os poderes mentais. O seu valor não reside nos exercícios em si, mas nos poderes que despertarão se forem praticados com perseverança. Se decidimos empreender nossos estudos ocultos com seriedade a fazer deles algo mais do que leituras de entretenimento, devemos escolher nosso próprio sistema a perseverar nele até chegarmos, se não ao seu objetivo final, pelo menos a resultados práticos definitivos e à intensificação permanente da consciência. Uma vez isso alcançado, podemos, não sem vantagem, experimentar os métodos que foram desenvolvidos em outros Caminhos, a formar uma técnica a uma filosofia eclética; mas o estudante que pretende ser um eclético antes de ter obtido muita prática jamais será mais do que um diletante.

2. Todo aquele que tem alguma experiência prática dos diferentes métodos do sistema espiritual sabe que o método deve ser adequado ao temperamento, devendo adaptar-se também ao grau de desenvolvimento do estudante. Os ocidentais, especialmente aqueles que preferem o Caminho oculto ao místico, buscam geralmente a iniciação num estágio de desenvolvimento

espiritual

que

um

guru

oriental

consideraria

extremamente imaturo. Todo método que pretende ser adequado para o Ocidente deve ter em seus graus inferiores uma técnica que possa ser galgada como uma escada por esses estudantes que carecem de maturidade; instá-los a atingir imediatamente as alturas metafísicas é tarefa inútil na grande maioria dos casos, a que apresenta, ademais, o agravante de impedir o início no trabalho da senda.

3. Para que um sistema de desenvolvimento possa ser aplicado no Ocidente, cumpre-lhe preencher certos requisitos bem definidos. Em primeiro lugar, a sua técnica elementar deve ser facilmente compreendida pelas mentes que não são absolutamente místicas. Em segundo lugar, as forças que essa técnica põe em movimento a fim de estimular o desenvolvimento dos aspectos superiores da consciência devem ser suficientemente poderosas e concentradas para penetrar os organismos relativamente densos do ocidental médio, que é completamente incapaz de perceber vibrações sutis. Em terceiro lugar, como poucos europeus - devido

8

A CABALA MÍSTICA

ao dharma racial de desenvolvimento da matéria - têm a oportunidade ou a inclinação para levar uma vida reclusa, as forças empregadas devem ser manipuladas de tal maneira que permaneçam disponíveis durante os breves períodos que o homem ou a mulher modernos, no início do Caminho, roubam de suas atribuições diárias para se entregarem à prática. Ou seja, essas forças precisam ser manipuladas por meio de uma técnica que permita ao estudante concentrar-se e desconcentrar-se com facilidade, porque não é possível manter elevadas tensões psíquicas nas duras condições da vida de um indivíduo de uma cidade européia. A experiência tem demonstrado com regularidade infalível que os métodos de desenvolvimento psíquico que são efetivos e satisfatórios para o recluso, produzem estados neuróticos e colapsos na pessoa que procura segui-los suportando concomitantemente as tensões da vida moderna.

4. Tanto pior para a vida moderna, poderia alguém dizer, aduzindo esse fato inegável como um argumento para modificar nosso modo de vida ocidental. Longe de mim afirmar que nossa civilização é perfeita ou que a sabedoria nasceu a morrerá conosco, mas parece-me razoável concluir que, se nosso Karma (ou destino) nos fez encarnar num corpo de um certo tipo e temperamento racial, é precisamente essa disciplina a essa experiência que os Senhores do Karma consideram que precisamos enfrentar nesta encarnação, e que não avançaremos na causa de nossa evolução se evitarmos a ambas ou delas fugindo. Presenciei inúmeras tentativas de desenvolvimento espiritual que eram simples evasões dos problemas da vida, a desconfio de qualquer sistema que envolva um rompimento com a alma grupal da raça. Pouco me impressiona também a dedicação à vida superior que se manifesta por modos peculiares de vestir a agir ou pela maneira de cortar ou de não cortar os cabelos. A verdadeira espiritualidade jamais faz propaganda de si própria.

5. O dharma racial do Ocidente é a conquista da matéria densa,~& pudéssemos compreender tal fato, teríamos a explicação para muitos dos problemas existentes nas relações entre Oriente a Ocidente. Para podermos conquistar a matéria densa a desenvolver a mente concreta, fomos dotados pela nossa herança racial de um corpo físico e um sistema nervoso peculiares, assim como outras raças, como a mongólica e a negra, foram dotadas de outros tipos.

6. É insensato aplicar a um tipo de constituição psicofísica os métodos de desenvolvimento adaptados a outro organismo, pois esses métodos não produzirão os resultados adequados ou produzirão resultados imprevistos e, com toda probabilidade, possivelmente indesejáveis. Dizer isso não é condenar os métodos ocidentais, nem menosprezar a constituição

HADNU.COM

9

ocidental, que é como Deus a fez, mas reafirmar o velho adágio de que "mel para um, veneno para outro".

7. O dharma do Ocidente difere do dharma oriental. Será, portanto, aconselhável tentar implantar os ideais orientais num homem ocidental? A fuga ao plano terrestre não é a sua linha de progresso. O ocidental normal e são não deseja escapar da vida; seu objetivo é conquistá-la a dar-lhe ordem e harmonia. Só os tipos patológicos desejam "morrer à meia-noite, sem dor", libertando-se da roda do nascimento a da morte; o temperamento ocidental normal deseja "vida, mais vida".

8. É essa concentração da força vital que o ocultista ocidental busca em suas operações. Ele não tenta escapar da matéria refugiando-se no espírito a deixando a terra inconquistada atrás de si arrumar-se como puder, mas procura, antes, trazer a Divindade até a humanidade a fazer a Lei Divina reinar até mesmo sobre o Domínio das Sombras. É esse o motivo que justifica a aquisição dos poderes ocultos no Caminho da Mão Direita, e que explica por que os iniciados não abandonam tudo em favor da União Divina, mas cultivam a Magia Branca.

9. A Magia Branca consiste na aplicação de poderes ocultos para fins espirituais e é ela que propicia boa parte do treinamento a do desenvolvimento do aspirante ocidental. Conheço alguma coisa a respeito de muitos sistemas e, em minha opinião, a pessoa que tenta renunciar ao cerimonial trabalha com grande desvantagem. O desenvolvimento que se obtém no Ocidente por meio apenas da meditação é um processo lento, pois a substância mental sobre a qual se tem de operar e a atmosfera mental na qual o trabalho se deve cumprir são muito resistentes. A única escola de ioga ocidental puramente meditativa é a dos quacres, a penso que eles concordam em que seu caminho se destina a poucos: a Igreja Católica combina a ioga mântica com a ioga Bhakti.

10. É por meio das fórmulas que o ocultista seleciona a concentra as forças com as quais deseja operar. Essas fórmulas baseiam-se na Árvore Cabalística da Vida, a seja qual for o sistema com que esteja trabalhando, seja imaginando as formas de Deus do Egito, seja evocando a inspiração Iacchus com cantos a danças, o ocultista tem o diagrama da Árvore no fundo de sua mente. É por meio do simbolismo da Árvore que os iniciados ocidentais se disciplinam, a esse diagrama fornece a estrutura essencial de

classificação à qual todos os outros sistemas podem ser referidos. O Raio sobre o qual o aspirante do Ocidente trabalha manifestou-se em diversas cultural e desenvolveu uma técnica característica em cada uma delas. O

iniciado moderno opera um sistema sintético, utilizando, às vezes, um método egípcio e, noutras, um método grego ou mesmo druida, pois esses

10

A CABALA MÍSTICA

diferentes sistemas estão mais bem adaptados aos seus diferentes propósitos a condições. Em todos os casos, contudo, a operação que realiza está estreitamente relacionada com os Caminhos da Árvore, em que é mestre. Se possui o grau que corresponde à Sefirah Netzach, ele pode operar com a manifestação da força desse aspecto da Divindade (conhecida pelos cabalistas sob o nome de Tetragrammaton Elohim), seja qual for o sistema que tenha escolhido. No sistema egípcio, seria a Isis da Natureza; no grego, Afrodite; no nórdico, Freya; no druida, Keridwen. Em outras palavras, ele possui os poderes da Esfera de Vênus, seja qual for o sistema tradicional que esteja utilizando. Ao alcançar um grau em um sistema, ele tem acesso aos graus equivalentes de todos os outros sistemas de sua tradição.

11. Mas, embora ele possa utilizar esses outros sistemas quando a ocasião se apresenta, a experiência prova que a Cabala fornece o melhor plano fundamental e o melhor sistema para o adestramento do estudante, antes que ele esteja apto a fazer experiências com os sistemas pagãos. A Cabala é essencialmente monoteísta; os poderes que ela classifica são sempre encarados como mensageiros de Deus a não como Seus companheiros. Esse princípio estabelece o conceito do governo centralizado do Cosmo a do controle da Lei Divina sobre todas as manifestações - princípio muito necessário que todo estudante das Forças Arcanas deve assimilar. É a pureza, a sanidade e a clareza dos conceitos cabalistas resumidos na fórmula da Árvore da Vida que faz desse hieróglifo um símbolo admirável para as meditações que visam exaltar a consciência, dando-nos a justificativa para chamar a Cabala de "ioga do Ocidente".

III. O MÉTODO DA CABALA

1. Ao expressar-se a respeito do método da Cabala, disse um dos antigos rabinos que, se desejasse um anjo vir à Terra, teria ele de tomar a forma humana para poder conversar com os homens. O curioso sistema simbólico que conhecemos como *Árvore da Vida* é uma tentativa de reduzir à forma diagramática as forças e fatores não só do universo manifesto como também da alma humana, de correlacioná-los mutuamente e de ordená-los como num mapa, para que as posições relativas de cada unidade possam ser compreendidas, de modo a traçar-lhes as relações mútuas. Em resumo, a *Árvore da Vida* é um compêndio de ciência, psicologia, filosofia e teologia.

2. O estudante da Cabala trabalha de maneira exatamente oposta à do estudante das ciências naturais: este formula conceitos sintéticos; aquele

HADNU.COM

11

analisa conceitos abstratos. Não é preciso dizer, contudo, que, para se analisar um conceito, ele deve antes ser integrado num sistema. Alguém deve, por conseguinte, ter imaginado os princípios que estão resumidos no símbolo sobre o qual incide a meditação do cabalista. Quais foram os primeiros cabalistas que idearam todo o esquema? Os rabinos são unânimes quanto a esse ponto: foram os anjos. Em outras palavras, foram seres de outra ordem de criação, diferente da humana, que conferiram ao povo eleito a sua Cabala.

3. Para a mente moderna, isso pode parecer uma afirmação tão absurda quanto a doutrina de que são as cegonhas que trazem os bebês.

Mas, se estudarmos os vários sistemas místicos à luz da religião comparada, descobriremos que todos os illuminati estão de acordo quanto a esse ponto. Todos os homens e mulheres que tiveram experiências práticas da vida espiritual afirmam que foram adestrados pelos seres divinos.

Seríamos muito tolos se negássemos testemunhos tão numerosos, especialmente aqueles de nós que nunca tiveram qualquer experiência pessoal dos estados superiores de consciência.

4. Dirão alguns psicólogos que os anjos dos cabalistas e os deuses e manus de outros sistemas são os nossos próprios complexos reprimidos; outros, de visão menos estreita, afirmarão que esses seres divinos são as capacidades latentes de nosso próprio eu superior. Para o místico devocional, essa é uma questão que lhe interessa muito pouco; ele obtém resultados, e apenas isso lhe importa; mas o místico filósofo, ou, em outras palavras, o ocultista, faz reflexões sobre a matéria e chega a certas conclusões. Estas, contudo, só podem ser entendidas quando sabemos com exatidão o que entendemos por realidade e quando temos uma clara linha de demarcação entre o subjetivo e o objetivo. Todo aquele que está familiarizado com o método filosófico conhece a dificuldade de estabelecer esses pontos.

5. As escolas indianas de metafísica têm sistemas filosóficos muito elaborados e complexos que procuram definir essas idéias e torná-las concebíveis; e, embora gerações de videntes tenham dedicado suas vidas a essa tarefa, os conceitos permanecem ainda tão abstratos que só depois de um longo curso de disciplina, que no Oriente se chama ioga, torna-se a mente capaz de compreendê-los.

6. O cabalista trabalha de maneira diversa. Ele não tenta elevar a mente nas asas da metafísica até atingir o ar rarefeito da realidade abstrata; ele formula um símbolo concreto que o olho pode ver, e com ele representa a realidade abstrata que nenhuma mente humana pode conceber.

12

A CABALA MÍSTICA

7. É esse, exatamente, o mesmo princípio da álgebra. Que x represente a quantidade desconhecida, y a metade de x , e z algo que conhecemos. Se começarmos por fazer experiências com y e descobrirmos sua relação com z , y deixará em breve de ser totalmente desconhecido; teremos descoberto pelo menos algo a respeito dele; e, se formos suficientemente hábeis,

poderemos, no final, expressar y nos termos de z, a assim começarmos a entender.

8. Existem muitos símbolos que são empregados como objetos de meditação; a cruz, na cristandade; as formas de Deus no sistema egípcio; os símbolos fálicos em outras fés. O iniciado utiliza esses símbolos como meios para concentrar a mente a nela introduzir certos pensamentos, evocando determinadas idéias a estimulando determinados sentimentos. O

iniciado, contudo, utiliza de modo diverso o sistema simbólico; ele o utiliza como uma álgebra, por meio da qual é capaz de ler os segredos dos poderes desconhecidos; em outras palavras, ele utiliza o símbolo como um meio de guiar o pensamento no Invisível a no Incompreensível.

9. E como ele faz isso? Utilizando um símbolo composto, porquanto um símbolo unitário não serviria ao seu propósito. Contemplando um símbolo composto como a *Árvore da Vida*, ele observa que existem relações definidas entre as suas partes. Há algumas partes sobre as quais conhece alguma coisa; há outras sobre as quais pode intuir algo, ou, em outras palavras, a respeito das quais pode ter um "palpite", raciocinando em função dos princípios primeiros. A mente salta de um princípio conhecido a outro conhecido, e, assim fazendo, atravessa as mais diversas distâncias, para falar metaforicamente; é como um viajante no deserto que conhece a localização de dois oásis a que faz uma marcha forçada entre ambos. Ele jamais se atreveria a lançar-se ao deserto partindo do primeiro oásis a desconhecendo a localização do segundo; mas, ao fim de sua jornada, ele não apenas terá conhecido muito mais coisas a respeito das características do segundo oásis, como também terá observado o terreno que se encontra entre ambos. Assim, marchando de um oásis a outro, para frente a para trás no deserto, ele gradualmente o explora; no entanto o deserto é incapaz de sustentar-lhe a vida.

10. Ocorre o mesmo com o sistema cabalístico de notação. As coisas que ele traduz são inimagináveis - e, no entanto, a mente, correndo de um símbolo a outro, é capaz de pensar nessas coisas; e, embora tenhamos de nos contentar em ver através de um vidro esfumado, temos toda razão para

esperar que, ao fim, vejamos essas coisas diretamente e as conheçamos por completo, pois a mente humana se desenvolve por meio do exercício, a aquilo que no início era tão inimaginável quanto a matemática para uma

HADNU.COM

13

criança que não consegue resolver suas contas, chega ao limiar de nossa compreensão. Pensando sobre uma coisa, formamos conceitos sobre ela.

11. Parece verdade que o pensamento se originou da linguagem, não a linguagem do pensamento. Aquilo que as palavras são em relação ao pensamento, os símbolos o são no que respeita à intuição. Por mais curioso que possa parecer, o símbolo precede a elucidação; é por isso que afirmamos, no início desta obra, que a Cabala é um sistema em desenvolvimento, não um monumento histórico. Temos hoje muito mais coisas a extrair dos símbolos cabalísticos do que nos tempos da antiga revelação, pois nosso conteúdo mental é mais rico em idéias. Por exemplo, muito mais rica é hoje para o biólogo a Sefirah Yesod, na qual operam as forças do crescimento e da reprodução, do que o era para o antigo rabino. A Esfera da Lua resume tudo que se refere ao crescimento e à reprodução.

Mas essa Esfera, tal como é representada na *Árvore da Vida*, localiza-se nos Caminhos que conduzem a outras Sefiroth; por conseguinte, o cabalista biólogo sabe que deve haver certo relacionamento definido entre as forças resumidas em Yesod e as forças representadas pelos símbolos consignados a esses Caminhos. Meditando sobre esses símbolos, ele obtém vislumbres de relações que não se revelariam quando se considera apenas o aspecto material das coisas; e, quando ele tenta trabalhar esses vislumbres no material de seus estudos, descobre que aí se ocultam indícios importantes. Dessa maneira, na *Árvore*, uma coisa leva a outra, e a explicação das causas ocultas surge das proporções e das relações dos vários símbolos individuais que compõem esse poderoso hieróglifo sintético.

12. Cada símbolo, ademais, admite diferentes interpretações nos diferentes planos e, por meio de suas associações astrológicas, pode ele ser referido

aos deuses de qualquer panteão, abrindo, assim, novos e vastos campos de aplicação, nos quais a mente viaja sem descanso, pois um símbolo leva a outro numa cadeia contínua de associações, a ambos se confirmam mutuamente, da mesma maneira como os fios de muitos ramos se reúnem num hieróglifo sintético, sendo cada símbolo passível de interpretação nos termos de qualquer plano em que a mente possa estar funcionando.

13. Esse poderoso e abrangente hieróglifo da alma humana e do Universo, graças à associação lógica de símbolos, evoca imagens na mente; essas imagens, porém, não se desenvolvem ao acaso, mas seguem uma linha de associações bem definidas na Mente Universal. O símbolo da Árvore é, para a Mente Universal, o que o sonho é para o eu individual -

um hieróglifo sintético, oriundo da subconsciência, que representa as forças ocultas.

14

A CABALA MÍSTICA

14. O universo é, na realidade, uma forma mental projetada pela mente de Deus. A Árvore Cabalística pode ser comparada a uma imagem onírica que surge da subconsciência de Deus e dramatiza o conteúdo subconsciente da Divindade. Em outras palavras, se o universo é o produto final da atividade da mente do Logos, a Árvore é a representação simbólica do material rude da consciência divina e dos processos pelos quais o universo veio à existência.

15. Mas a Árvore não se aplica apenas ao Macrocosmo, e sim, também, ao Microcosmo, que, como sabem todos os ocultistas, é uma réplica em miniatura daquele. Eis a razão por que a adivinhação é possível.

Essa arte tão pouco compreendida e tão caluniada tem por base filosófica o Sistema de Correspondências representado pelos símbolos. As correspondências entre a alma humana e o universo não são arbitrárias, mas surgem de identidades em desenvolvimento. Certos aspectos da consciência foram desenvolvidos em resposta a certas fases de evolução e, por

consequente, incorporaram os mesmos princípios; conseqüentemente, reagem às mesmas influências. A alma humana é como um lago que se comunica com o mar por meio de um canal submerso; embora aparentemente o lago esteja cercado de terra, seu nível de água baixa ou se eleva com as marés, por obra dessa conexão oculta. Ocorre o mesmo com a consciência humana; existe uma conexão subterrânea entre as almas individuais e a alma do mundo, a essa comunicação se acha profundamente encerrada nos escaninhos mais primitivos da subconsciência, e é por essa razão que participamos do fluxo a refluxo das marés cósmicas.

16. Cada símbolo da Árvore representa uma força ou um fator cósmico. Quando a mente se concentra no símbolo, ela se põe em contato com essa força; em outras palavras, um canal superficial, um canal na consciência, se estabelece entre a mente consciente do indivíduo a um fator particular da alma do mundo, e é por esse canal que as águas do oceano refluem para o lago. O aspirante que utiliza a Árvore como seu símbolo de meditação estabelece ponto por ponto a união entre a sua alma e a alma do mundo. Essa união resulta num tremendo influxo de energia para a alma individual, e é esse influxo que lhe confere poderes mágicos.

17. Mas, assim como o universo deve ser governado por Deus, assim também a multifacetada alma humana deve ser governada por seu deus - o espírito humano. O eu superior deve governar o seu universo, pois, do contrário, haveria força em desequilíbrio a cada fator governaria o seu próprio aspecto, fazendo estalar a guerra entre eles. Teríamos, então, o domínio dos Reis de Edom, cujos reinos eram forças desequilibradas.

HADNU.COM

15

18. Temos, assim, na Árvore, um hieróglifo da alma do homem a do universo, bem como nas lendas que a história da evolução da alma a do Caminho da Iniciação associam a ela.

IV. A CABALA NÃO-ESCRITA

1. O ponto de vista do qual abordo a Cabala Sagrada difere, nestas páginas, até onde eu saiba, do adotado por todos os outros escritores que se ocuparam do assunto, pois, para mim, a Cabala é um sistema vivo de desenvolvimento espiritual, não uma curiosidade histórica. Poucas pessoas, mesmo entre aquelas que se interessam pelo ocultismo, sabem que há uma tradição esotérica ativa em nosso meio, que se transmite por meio de manuscritos particulares a "de boca a ouvido". E menos pessoas ainda sabem que essa tradição consiste na Cabala Sagrada, o sistema místico de Israel. Mas onde poderíamos buscar a nossa inspiração oculta, a não ser na tradição legada pelo Cristo?

2. A interpretação da Cabala não se encontra, contudo, entre os rabinos do Israel Externo, que são hebreus apenas pela carne, mas entre aqueles que são o povo escolhido segundo o espírito - em outras palavras, os iniciados. A Cabala, como a compreendo, tampouco é um sistema puramente hebreu, pois ela foi suplementada, durante a Idade Média, por muitos conhecimentos alquímicos a pela estreita associação a este extraordinário sistema simbólico que é o Tarô.

3. Por conseguinte, em minha apresentação do assunto, não recorro muito à tradição, em apoio às minhas concepções, bem como à prática moderna, quanto aqueles que fazem use da Cabala como seu método de técnica oculta. Poder-se-ia alegar contra mim que os antigos rabinos nada sabiam de alguns dos conceitos aqui expostos. Replico que seria mesmo impossível que eles os conhecessem, pois tais idéias não eram conhecidas em seus dias, resultando, ao contrário, do trabalho dos herdeiros do Israel Espiritual. De minha parte - embora não pretenda desviar ninguém dos ensinamentos do mundo antigo a querendo, no tocante aos assuntos de precisão histórica, que estes permaneçam sujeitos à correção de todo aquele que estiver mais informado do que eu a respeito desses assuntos (e seu número é legião) -, atribuo escassa importância à tradição quando ela impede o livre desenvolvimento de um sistema de tanto valor como a Cabala Sagrada, a utilizo as obras de meus predecessores como uma pedreira de onde retiro as pedras para construir minha cidadela. Mas não me limito a essa pedreira por qualquer ordem de que tenha conhecimento,

A CABALA MÍSTICA

colhendo também o cedro do Líbano e o ouro de Orfir, se isso convém ao meu propósito.

4. Fique bem claro, portanto, que não digo "Este é o ensinamento dos amigos rabinos", mas sim "Esta é a prática dos modernos cabalistas, que constitui, para nós, assunto de vital importância, por se tratar de um sistema prático de desenvolvimento espiritual"; é a ioga do Ocidente.

5. Depois de me ter assim precavido, na medida do possível, contra a acusação de não ter feito aquilo que jamais pretendi fazer, julgo conveniente definir agora minha própria posição, no que toca à erudição e às qualificações gerais para a tarefa a cumprir. No que concerne à erudição real, estou na mesma classe de William Shakespeare, pois tenho pouco latim e nenhum grego, conhecendo do hebraico apenas o aspecto cultivado pelos ocultistas, ou seja: a habilidade para transliterar a difícil escrita hebraica em função dos cálculos gemátricos. Da acusação de não possuir nenhum conhecimento do hebraico enquanto língua, sou inocente.

6. Não sei se este franco reconhecimento de minhas deficiências servirá para desarmar as críticas; não há dúvida de que se alegará contra mim e não sem justificativas - que uma pessoa assim tão mal-equipada não deveria empreender a tarefa. Posso perguntar, em minha defesa, se alguém, encontrando um homem ferido, deveria, na ausência de qualificação médica, recusar-se a socorrê-lo e a dar-lhe a ajuda que pudesse, esperando, ao contrário, a chegada da assistência qualificada? Minha obra sobre a Cabala tem a natureza dos primeiros socorros. Procuro desvelar um inestimável sistema até agora negligenciado, a por mais desqualificada para a tarefa que eu possa ser, procuro chamar a atenção para as suas possibilidades a restaurar-lhe o lugar adequado como chave do ocultismo ocidental; e é minha esperança que esta obra possa atrair a atenção dos eruditos a animá-los a continuar a tarefa de tradução e investigação dos

manuscritos cabalísticos, que constituem, até agora, um veio do qual apenas os afloramentos superficiais foram aproveitados.

7. Posso alegar, contudo, uma qualificação para a minha tarefa: nos últimos dez anos, vivi a existi na Cabala Prática; utilizei-lhe os métodos tanto subjetiva como objetivamente, até que eles se tomassem parte de mim mesma, a conheço por experiência própria os resultados psíquicos a espirituais que podem produzir, tanto quanto seu incalculável valor como método de manipulação mental.

8. Aqueles que desejam utilizar a Cabala como sua ioga não precisam obter necessariamente um extenso conhecimento da língua hebraica; tudo o de que precisam é ler a escrever os caracteres hebraicos. A

HADNU.COM

17

Cabala moderna ganhou certificado de naturalização nas línguas ocidentais, mas retém, e deve reter, as suas Palavras de Poder em hebraico, que é a língua sagrada do Ocidente, assim como o sânscrito é a língua sagrada do Oriente. Muitos são aqueles que se opuseram ao livre emprego dos termos sânscritos na literatura ocultista, a poderiam eles objetar ainda mais fortemente contra o emprego de caracteres hebraicos; mas sua utilização é inevitável, porquanto cada letra é também um número, a os números que as letras compõem são não apenas uma importante pista para o seu significado, mas podem também expressar as relações existentes entre diferentes idéias a poderes.

9. Segundo MacGregor Mathers, no admirável ensaio que constitui a introdução de seu livro, a Cabala é comumente classificada sob quatro categorias:

a Cabala Prática, que trata da magia talismânica a cerimonial; a Cabala Dogmática, que consiste na literatura cabalística; **a Cabala Literal**, que trata do use das letras e dos números; e a Cabala Não-escrita, que consiste no conhecimento correto da maneira pela qual os sistemas simbólicos estão

dispostos na Árvore da Vida, e a respeito da qual diz MacGregor Mathers: "Nada mais posso dizer sobre esse ponto, nem mesmo se eu o recebi ou não." Mas, como essa valiosa sugestão foi desenvolvida pela falecida Sra. MacGregor Mathers em sua introdução à nova edição do livro ("Simultaneamente à publicação da Cabala, em 1887, ele recebeu instruções de seus mestres ocultos para preparar o que posteriormente se tornou a sua escola esotérica"), é justificável dizer que, embora Mathers tenha recebido a Cabala Não-escrita, esta deixou por alguns anos de ser não-escrita, pois, após uma disputa com esse autor, Aleister Crowley, o conhecido autor e erudito, publicou integralmente o conjunto. Seus livros são agora raros e difíceis de encontrar e, por serem muito estimados pelos esoteristas mais eruditos, seu valor se tomou extraordinário e raramente chegam às livrarias de sebo.

10. A violação de um juramento iniciático é um assunto sério e uma coisa que, de minha parte, não pretendo fazer; mas não acredito em nenhuma autoridade que me impeça de coletar e comparar todo o material disponível já publicado sobre qualquer assunto e de interpretá-lo de acordo com a minha melhor habilidade. Nestas páginas, é ao sistema referido por Crowley que recorro para complementar os pontos sobre os quais silenciam MacGregor Mathers, Wynn Westcott e A. E. Waite, principais autoridades modernas da Cabala.

18

A CABALA MÍSTICA

11. Quanto a ter recebido eu própria qualquer conhecimento da Cabala Não-escrita, seria muito inconveniente para mim, tanto quanto o foi para MacGregor Mathers, discorrer sobre esse ponto; e, seguindo seu clássico exemplo de enterrar a cabeça na areia e balançar a cauda, volto à consideração do material de que disponho.

12. A essência da Cabala Não-escrita repousa no conhecimento da ordem em que determinadas séries de símbolos estão dispostas na Árvore da Vida. Essa Árvore - Otz Chiim - consiste em Dez Sephiroth Sagradas, dispostas

num padrão particular a unidas por linhas, as quais recebem o nome de Trinta a Dois Caminhos da Sepher Yetzirah, ou Emanações Divinas (ver Lhe Sepher Yetzirah, de Wynn Westcott). Aqui está um dos

"labirintos" ou armadilhas em que se deleitavam os rabinos. Se contarmos os Caminhos, descobriremos que há vinte a dois, não trinta a dois deles; mas, para seus propósitos, os rabinos trataram as próprias Dez Sephiroth como Caminhos, enganando dessa maneira os não-iniciados. Os dez primeiros Caminhos da Sepher Yetzirah estão, portanto, atribuídos às Dez Sephiroth, e os vinte e dois seguintes, aos próprios Caminhos reais. Vemos, assim, que também as vinte e duas letras do alfabeto hebraico podem ser associadas aos Caminhos, sem discrepâncias ou sobreposições. Associam-se também a eles os vinte e dois trunfos do Tarô, os Atus, ou Moradas de Thoth. No que concerne às cartas do Tarô, há três autoridades dignas de nota: o Dr. Encausse, ou "Papus", o escritor francês; o Sr. A. E. Waite; e os manuscritos da Ordem da Aurora Dourada, de MacGregor Mathers, que Crowley publicou sob sua própria responsabilidade. Essas três autoridades apresentam pontos de vista muito diferentes. Quanto ao sistema dado pelo Sr. Waite, diz ele: "Há um outro método conhecido pelos iniciados". É

razoável supor que esse seja o método utilizado por Mathers. Papus discorda de ambos em seu método, mas, como seu sistema violenta muitas vezes as correspondências com os padrões da Árvore - a prova final de todos os sistemas -, e como os sistemas de Mathers e Crowley se ajustam admiravelmente, penso que podemos concluir com exatidão que o método de ambos constitui a ordem tradicional correta, e pretendo ater-me a ele nestas páginas.

13. Os cabalistas depuseram, ademais, sobre os Caminhos da Árvore, os signos do Zodíaco, os planetas e os elementos. Ora, existem doze signos, sete planetas e quatro elementos, perfazendo vinte e três símbolos. Como se ajustam eles aos vinte e dois Caminhos? Aqui está outra "emboscada", mas a solução é simples. No plano físico, encontramos-nos no elemento Terra e, por essa razão, tal símbolo não aparece nos Caminhos que conduzem ao Invisível. Deixemos de lado esse símbolo e teremos vinte e dois símbolos, que correspondem perfeitamente, corretamente colocados, aos trunfos do

Tarô, pois eles se esclarecem mutuamente de forma notável a fornecem as chaves da Astrologia Esotérica a da adivinhação do Tarô.

14. A essência de cada Caminho reside no fato de que ele constitui a união de duas Sephiroth. Só podemos compreender-lhe o significado levando em conta a natureza das Esferas unidas na Árvore. Mas uma Sephirah não pode ser entendida num único plano: ela tem uma natureza quádrupla. Os cabalistas o afirmam claramente ao dizerem que existem quatro mundos (ver MacGregor Mathers, *The Qabalah Unveiled*).

Atziluth, o mundo Arquetípico, ou Mundo das Emanações; o Mundo Divino;

Briah, o Mundo da Criação, também chamado Khorsia, o Mundo dos Tronos;

Yetzirah, o Mundo da Formação a dos Anjos;

Assiah, o Mundo da Ação; o Mundo da Matéria.

15. Afirmam eles, também, que as Dez Sephiroth Sagradas têm, cada uma, seu próprio ponto de contato com cada um dos Quatro Mundos dos cabalistas. No Mundo Atzilúutico, elas se manifestam por meio dos Dez Nomes Sagrados de Deus; em outras palavras, o Grande Imanifesto, simbolizado pelos Três Véus Negativos da Existência, que pendem atrás da Coroa, manifesta-se em dez diferentes aspectos, representados pelos diferentes Nomes utilizados para denotar a Divindade nas Escrituras hebraicas. Esses Nomes são traduzidos de diversas maneiras na Versão Autorizada, e o conhecimento de seu verdadeiro significado, aliado ao das Esferas às quais esses Nomes pertencem, permite-nos elucidar muitos enigmas do Velho Testamento.

16. No mundo Briático, as Emanações Divinas manifestam-se por meio dos Dez Poderosos Arcanjos, cujos nomes exercem um importante papel na Magia Cerimonial; são eles os vestígios gastos e apagados dessas Palavras de Poder que constituem os "bárbaros nomes de evocação"

da Magia medieval, "nenhuma de cujas letras pode ser alterada". A razão disso é que, em hebraico, uma letra é também um número, e os números de um Nome têm um significado importante.

17. No Mundo Yetzirático, as Emanações Divinas manifestam-se, não por meio de um único ser, mas através de diferentes tipos de seres, chamados de Hostes ou Coros Angélicos.

20

A CABALA MÍSTICA

18. O Mundo Assiático não é, estritamente falando, o Mundo da Matéria, se o encararmos do ponto de vista Sefirótico, mas antes os planos astral e etéreo inferiores, que, juntos, formam a base da matéria. No plano físico, as Emanações Divinas manifestam-se por meio do que poderíamos chamar, com propriedade, de Dez Chakras Cósmicos, porque esses centros de manifestação correspondem perfeitamente aos centros que existem no corpo humano. Os chakras consistem no Primum Mobile, ou Primeiro Remoinho, a Esfera do Zodíaco, os sete planetas e os elementos -

perfazendo o total de dez.

19. Pelo que precede, pode-se observar que cada Sefirah se compõe, em primeiro lugar, de um chakra cósmico; em segundo lugar, de uma hoste angélica de seres, Devas ou Archons, Principais ou Poderes, de acordo com a terminologia empregada; em terceiro lugar, de uma Consciência Arquiangélica, ou Trono; e em quarto lugar, de um aspecto especial da Divindade. Deus como Ele é, em Sua Integridade, está absolutamente oculto atrás dos Véus Negativos da Existência, sendo, por essa razão, incompreensível à consciência humana não-iluminada.

20. Podemos considerar corretamente as Sephiroth como macrocósmicas e os Caminhos como microcósmicos, pois as Sephiroth, unidas, como às vezes o são nos velhos diagramas, por um raio de luz, ou por um punho provido de uma espada de fogo, representam as sucessivas Emanações Divinas, que constituem a evolução criadora, ao passo que os Caminhos representam os estágios sucessivos do desdobramento da compreensão cósmica na consciência humana; nas imagens antigas, uma serpente enrodilhada aparece às vezes nos ramos da Árvore. Trata-se da serpente Nechushtan, "que morde a própria cauda", símbolo da sabedoria e da iniciação. As espirais dessa serpente, quando corretamente dispostas na Árvore, cruzam todos os Caminhos e servem para indicar a ordem na qual eles devem ser enumerados. Com a ajuda desse hieróglifo, torna-se muito fácil dispor os símbolos estampados pelas tabelas em suas posições corretas na Árvore, desde que tais tabelas apresentem os símbolos na ordem exata.

Em alguns livros modernos, considerados como autoridades sobre o assunto, não se dá a ordem correta, pois seus autores acreditam, aparentemente, que essa ordem não deva ser revelada ao não-iniciado. Mas, como essa ordem é corretamente explicitada em alguns livros antigos e, de mais a mais, na própria Bíblia e na literatura cabalística, não vejo razão para confundir os estudantes com informações espúrias. A recusa à divulgação de algum assunto pode ser justificável, mas como se pode explicar a transmissão de informações que semeiam a confusão? Ninguém será perseguido hoje por seus estudos em ciências heterodoxas, de modo que existe um único objetivo para ocultar os ensinamentos referentes à teoria do universo e à filosofia que dela resulta, a de maneira alguma aos

HADNU.COM

21

métodos da Magia Prática, a esse objetivo é reter o monopólio do conhecimento que confere prestígio, se não poder.

21. De minha parte, acredito que tal egoísmo exclusivista constitui, antes, a ruína do movimento oculto do que a sua salvaguarda. Trata-se do antigo

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Cabala Mística"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).